



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Geração.

## A MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA E SUAS SIGNIFICAÇÕES

Elayne Cristina da Costa Ferreira<sup>1</sup>

Maria Zelma de Araujo Madeira<sup>2</sup>

Grayciane Oliveira Matos<sup>3</sup>

Daiane Daine de Oliveira Gomes<sup>4</sup>

**Resumo:** O Estudo analisa como adolescentes gestantes atendidas em um Hospital de Fortaleza/CE vivenciam a maternidade. A pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo exploratório-descritivo. Em meio a tantas transformações a adolescência se apresenta como uma fase permeada de desafios e dilemas que exigem importantes decisões. Cenário ainda mais complexo quando se trata de adolescentes grávidas.

**Palavras-chave:** Gravidez na Adolescência. Maternidade. Relações de Gênero.

**Abstract:** The study analyzes how pregnant adolescents attended at a Hospital in Fortaleza / CE, experience motherhood. The research is qualitative in the exploratory-descriptive type. In the midst of so many transformations, adolescence presents itself as a phase permeated by challenges and dilemmas that require important decisions. An even more complex scenario when it comes to pregnant teenagers.

**Keywords:** Pregnancy in Adolescence. Maternity. Gender Relationships.

## INTRODUÇÃO

Compreendida como uma etapa da vida situada entre a infância e a vida adulta, a adolescência corresponde a uma construção social que sofre influências e alterações no decorrer da história (ÁRIES, 2006). Como características principais, apresenta um período de intensas mudanças, sejam elas no campo biológico, psicológico ou social. Essas alterações estão relacionadas diretamente ao desenvolvimento do corpo, ao processo de desenvolvimento da personalidade, expectativa de novas experiências, a preparação para a vida adulta e a construção das relações sociais.

Em meio a tantas transformações esta se apresenta como uma fase permeada de desafios e dilemas que exigem importantes decisões. Um cenário que se torna mais complexo quando se trata de adolescentes mulheres. Estas enfrentam, cotidianamente, além de

<sup>1</sup> Profissional de Serviço Social, Hospital Geral Dr Cesar Cals, E-mail: elayne\_cristina17@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor com formação em Serviço Social, Universidade Estadual do Ceara, E-mail: elayne\_cristina17@hotmail.com.

<sup>3</sup> Profissional de Serviço Social, Hospital Geral Dr Cesar Cals, E-mail: elayne\_cristina17@hotmail.com.

<sup>4</sup> Profissional de Serviço Social, Universidade Estadual do Ceara, E-mail: elayne\_cristina17@hotmail.com.

questões ligadas a sua geração, aspectos relacionados à subordinação da mulher e as desigualdades de gênero, presentes ainda em nossa sociedade. Nesse sentido, a gravidez na adolescência se apresenta como uma das particularidades vivenciadas por este segmento. A maternidade exige que a mulher redefina sua identidade, redimensione seus planos familiares e às relações sociais na qual está imersa. Daí a importância de analisar as concepções sobre a maternidade para as adolescentes, visto que estas se encontram em uma sociedade que apresenta significados contraditórios sobre “ser mãe” e “ser mulher.

A efetivação da gestação caminha para a construção de novas perspectivas, dentre elas, a realização enquanto mulher, expectativa de mudança e status social e no caso das adolescentes uma passagem direto para a vida adulta. Cenário que se torna delicado quando protagonizado por este segmento, daí a relevância de abordá-lo.

No cenário brasileiro os indicadores apontam para uma queda da ocorrência de gravidez na adolescência. Segundo informações do Ministério da Saúde - MS (2017), dados publicados pelo Sinasc (Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos), o Brasil apresentou uma queda de 17% nos indicadores de gravidez na adolescência entre os anos de 2004 e 2015. Já a região Nordeste lidera com 32% dos nascidos vivos sendo de mães adolescentes. Mesmo com a queda nas taxas nacionais, as regiões ainda apresentam um grande número de gestação de mães adolescentes.

Na saúde a gravidez na adolescência representa um risco devido ao fator idade, porém, não só isso, há também fragilidades nos campos biológicos, psíquicos e sociais bem importantes. Entretanto, são poucos ou quase inexistentes, serviços/programas voltados para o atendimento exclusivo de adolescentes gestantes. O que existe são alternativas diferenciadas, imersas em algumas legislações, que contemplam a necessidade de atendimentos distintos a este segmento, e na maioria das vezes, com uma perspectiva de controle e não de compreensão dessas significações.

Mesmo com avanços nos métodos contraceptivos, o número de adolescentes grávidas vem crescendo nos dias atuais. Tal fato implica em fragilidades, como supracitadas anteriormente, mas também em aspectos socioculturais como a maternidade, as relações de gênero, os modelos familiares e o próprio ser adolescente, que são resultados de uma construção histórica, advindos de concepções políticas, econômicas, culturais e sociais. Logo, o objetivo deste estudo consiste em analisar como as adolescentes gestantes atendidas na Unidade de Ambulatório Especializado em Ginecologia/Obstetrícia do Hospital Geral Dr. César Cals em Fortaleza/CE, vivenciam a maternidade. Para isto serão analisadas as relações sociais e de gênero nas quais as adolescentes estão inseridas.

## **METODOLOGIA**

Para conhecer com maior profundidade o fenômeno social que envolve o objeto de estudo deste artigo, e considerando que a pesquisa social é a atividade básica de aproximação e construção de uma realidade que não pode ser quantificada, esta pesquisa alinha-se na abordagem qualitativa do tipo exploratório-descritivo.

Para Gil (2008), a pesquisa exploratória possui planejamento flexível, permitindo considerar aspectos variados no tocante ao tema estudado, possibilitando maior conhecimento do pesquisador acerca do objeto de estudo. Neste sentido, conforme Minayo (2010), o arcabouço qualitativo é o que melhor se encaixa a estudos de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos, como é o caso da maternidade na adolescência, tema do estudo, pois serão considerados todos os aspectos apresentados nos depoimentos das interlocutoras, valorizando as construções sociais, as crenças e a subjetividade.

A pesquisa foi se estruturando com observações simples e pesquisa bibliográfica, com intuito de formar um vínculo inicial com o universo pesquisado, para enfim culminar na coleta de dados. O lócus da pesquisa foi a unidade de Ambulatório Especializado em Ginecologia/Obstetrícia onde funciona o serviço de pré-natal de alto risco do Hospital Geral Dr. César Cals – HGCC, em Fortaleza-CE. São encaminhadas a este ambulatório gestantes que apresentam algum fator de risco à gestação. Estes fatores são classificados, de forma geral, por normativas nacionais emitidas pelo Ministério da Saúde. Estas consideram características como a idade menor que 15 anos, menarca há menos de 2 anos, situação conjugal insegura, baixa escolarização, dentre outras particularidades.

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada com roteiro pré-elaborado contendo questões que suscitavam a reflexão quanto ao objeto de estudo. Para Minayo (2010), a entrevista semiestruturada caracteriza-se como uma combinação de perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a uma indagação formulada. Assim, garante maior eficácia ao pesquisador, tendo em vista a possibilidade de um discurso mais livre.

Durante a espera da consulta, observavam-se as adolescentes que estavam acompanhadas dos pais ou responsáveis e explicava-se o conteúdo da pesquisa. Posteriormente era feito o convite e nas afirmativas, a assinatura dos Termos de consentimento livre e esclarecido. Assim, os pais ou responsáveis já ficavam cientes do propósito da pesquisadora.

Foi utilizado como critério de inclusão na pesquisa; adolescentes grávidas; sem distinção a respeito da pertença étnico-racial ou classe social; com idades entre 12 e 18 anos – conforme definição etária presente na lei 8.069 de 13 de Julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA); adolescentes com idades gestacionais que compreendiam o segundo e terceiro trimestre da gestação; inseridas no serviço de

acompanhamento de pré-natal do ambulatório de especialidades do HGCC e que evidenciassem interesse em discorrer sobre a questão. Quanto aos critérios de exclusão, foram considerados os seguintes: adolescentes grávidas com déficits cognitivos e transtornos mentais; aquelas cuja gravidez tenha sido resultado de violência sexual, situações estas verificadas nos prontuários antes da abordagem e as que demonstraram desinteresse em falar sobre o tema.

Foram entrevistadas 10 adolescentes. As entrevistas foram realizadas em salas reservadas somente com a adolescente gestante, sempre depois das consultas. Após leitura, compreensão e aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos pais ou responsáveis pela adolescente, e do Termo de Assentimento (TA), assinado pela própria adolescente, eram lavradas as assinaturas e procurava-se iniciar o assunto de forma leve e descontraída, explicando como se daria aquela conversa, até alcançar um ambiente de confiança e empatia com a adolescente. As entrevistas eram gravadas para posterior transcrição e a amostra da pesquisa foi definida pela saturação das respostas.

Após a transcrição dos dados, as entrevistas foram analisadas segundo o método da Análise de Conteúdo, este, para Bardin (2011), é o método que busca desvendar o que há por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e com vários significados, algo que convém desvendar. Por trata-se de pesquisa que envolve seres humanos foram seguidos todos os preceitos éticos regulamentados pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde/ MS. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Instituição por meio da Plataforma Brasil e aprovado com o número de parecer 1.442.302. Por fim, para referenciar as adolescentes neste estudo foram utilizados nomes fictícios.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO: Adolescência, relações de gênero e maternidade: entre rupturas e continuidades.**

Na adolescência os sentimentos são vividos com intensidade, as mudanças no corpo e na forma de ver o mundo são atravessadas de significações advindas da socialização familiar, da cultura, da sexualidade, dos grupos sendo um universo de possibilidades a ser construído. Dentro dessa perspectiva traremos algumas características das interlocutoras da pesquisa.

As adolescentes entrevistadas apresentaram idade média entre 12 e 17 anos. Destas, duas tinham concluído o ensino médio, cinco continuavam estudando mesmo com algum atraso e três tinham abandonado a escola por vergonha ou por falta de condições para continuar frequentando devido à gestação. Em consonância a este panorama, Almeida, Aquino e Barros (2006) indicam, em seu estudo, que ambos os fatores – tanto a evasão anterior à gestação quanto à evasão posterior estão associadas ao fenômeno da gestação na

adolescência, destacando o abandono da escola pela necessidade de cuidado dos filhos expondo-as a situações de desemprego, dependência econômica e baixa escolarização, além de sentimentos diversos relacionados a essa gestação

Quando questionadas sobre a pertença étnico-racial sete adolescentes se autoafirmaram pardas, e três não souberam responder. Conforme Carneiro (2011) a escolha pela afirmação da opção parda funciona como um arranjo entre branquitude e negritude, que as afasta das possíveis situações de opressão que são vivenciadas pela população negra, o termo pardo torna-se um coringa para a indefinição da identidade étnico-racial. Sobre a renda familiar, as adolescentes, afirmaram possuir de até um (01) salário mínimo, esta proveniente de empregos não formalizados e benefícios sociais. Oliveira, et al (2016, p. 183) discute e explicita que “o nível socioeconômico das famílias está diretamente ligado ao nível de conhecimento das mulheres sobre questões relacionadas aos direitos à saúde na fase reprodutiva e sexual”.

Das adolescentes entrevistadas duas residem em cidades do interior do estado (São Gonçalo do Amarante e Boa Viagem), e as demais moram em bairros periféricos do município de Fortaleza e Região Metropolitana. Sobre a situação de moradia sete residem em casas alugadas e três em casas próprias. A maioria das adolescentes (oito) mora com a mãe e outros parentes, apenas duas referiram a presença do pai. Este dado demonstra as características do enfraquecimento da família baseada no poder patriarcal, e traz à tona um novo modelo familiar discutido por Kehl (2003), onde a família baseada no poder patriarcal começa a ceder espaço a um novo arranjo familiar onde o poder é distribuído de forma mais igualitária.

Após apresentação das interlocutoras da pesquisa, seguimos com breve discussão de alguns conceitos utilizados na construção deste estudo. Para analisar como as adolescentes grávidas vivenciam a maternidade e seus desdobramentos nas relações sociais e de gênero, é preciso compreender alguns conceitos. Dentre os quais estão: a maternidade e as relações de gênero e a adolescência. Esta última, vista como uma condição diferenciada e intermediária entre a infância e a vida adulta, é uma construção da sociedade moderna ocidental recente. Como explicita Calligaris (2000, p. 02) “esse fenômeno é novo, quase especificamente contemporâneo. É com a modernidade tardia (com o século que mal acabou) que essa moratória se instaura, se prolonga e se torna enfim mais uma idade da vida”.

A adolescência trata-se de um processo de intensas mudanças, seja no campo biológico, psíquico ou social. Não restritas a essas alterações, a adolescência se dá em meio a um processo de saída da infância e a elaboração para a vida adulta. Onde não são mais

aceitáveis comportamentos infantis, contudo, os mesmos não tem permissão para alçar voos pela vida adulta. Como bem discorre Calligaris.

Em outras palavras, há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos - pela escola, pelos pais, pela mídia - para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de mais dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente. Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência. (CALLIGARIS, 2000, p. 15).

Desse modo, o conceito de adolescência diz respeito a um construtor social que sofre influências e alterações no decorrer da história (ÁRIES, 2006). Alterações que se ampliam ao considerarmos a adolescência na sociedade contemporânea, esta se torna ainda mais heterogênea diante do aprofundamento das desigualdades sociais e da ampliação e socialização de expressões culturais.

Além de compreender o quão complexa é a adolescência, precisamos ainda entender como esta se desenvolve de acordo com suas especificidades. Para este estudo, iremos considerar a adolescente mulher mãe. Analisando características como a classe social, a pertença étnico-racial, a renda, a escolarização e a construção de suas experiências maternas. Para tanto, faz se necessário compreendermos o que é ser mulher nessa sociedade e como se constroem as relações de gênero.

Destarte, tais relações são resultados de uma construção sócio-histórica e cultural, onde a ordem social ao longo de suas mudanças foi definindo posições e funções representativas da mulher e do homem. Contudo, ao longo da história, a estrutura de poder, a distribuição desigual da propriedade e a sociedade de classes estão diretamente relacionados ao desenvolvimento desigual dos papéis femininos e masculinos, em detrimento das mulheres, fazendo referência a Saffioti (2004), prejudicando principalmente as mulheres e suas relações. Acerca disso, Cisne e Iamamoto (2005) afirmam.

É certo que o gênero não possui apenas sexo, mas possui classe, raça, etnia, orientação sexual, idade, etc. Essas diferenças e especificidades devem ser percebidas. No entanto, dentro desta sociedade, não podem ser vistas isoladas de suas macro determinações, pois, por mais que “o gênero una as mulheres”, [...] a classe irá dividi-las dentro da ordem do capital (p.03).

A categoria gênero contribui para a desnaturalização das relações desiguais entre mulheres e homens, aqui entendidas como uma construção social e histórica, que articula as diferentes dimensões da vida social, para compreender como a subordinação e a dominação ganharam volumes diferenciados de acordo com o sexo. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010). Aqui, há uma complexa dinâmica entre o individualismo e a sociabilidade o que resulta na prevalência de alguns indivíduos gerando relações de poder e de subalternidade sobre outros.

A dimensão da diversidade (gênero, raça, orientação sexual, dentre outras) permite-nos verificar que as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente

construídas, colocando-as em situações de subordinação e opressão, advindas seja por se apropriarem historicamente de menos poder do que os homens; seja por seu pertencimento a uma classe dominada, alheia à riqueza socialmente produzida ou, seja, ainda, por pertencer a uma raça/etnia historicamente oprimida. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 13).

Para Saffioti (2004, p. 35) “as mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder”, restando-lhes um comportamento dócil, tarefas como procriar, ser mãe e esposa sob a égide do casamento. E ao homem, o trabalho no espaço público. Traços desses comportamentos foram identificados na fala da adolescente Catarina (17 anos, 2ª gestação).

Eu quero voltar a estudar depois dessa gravidez, só não sei se vai dar certo. *Por que não sabe?* Tenho que cuidar dos meninos sabe levar pra creche, dar comida, levar ao médico, ensinar tarefa, essas coisas. Tudo sobra pra mim, porque ele passa o dia fora trabalhando, e não tem quem cuide dos meninos.

Após breve apanhado sobre as relações de gênero, partiremos para o entendimento acerca da maternidade elucidados pelas interlocutoras. Que nesse contexto, configura-se como questão central, pois ser mulher, se realizar enquanto mulher são significações diretamente ligadas à maternidade. Esta constitui-se como sendo um sentimento historicamente construído. Que desenvolve características específicas de acordo com o contexto social, político e econômico. Para melhor compreensão das representações da maternidade, é necessário entender alguns movimentos da família, relacionando historicamente tais fenômenos. A Revolução Industrial baliza os tempos de acumulação do capital, a mecanização da produção por meio das máquinas e a venda da força de trabalho, à época, “nas fábricas, assim como nos demais postos de trabalho predominava a mão de obra masculina”. (Oliveira, 2007, p.12).

Contudo, não houve mudanças apenas na esfera da produção, as relações familiares também foram atingidas pelos novos ditames da modernidade. “A privatização da instituição familiar e a passagem das funções socializadoras para o âmbito mais restrito do lar burguês instituem alguns dos mecanismos fundamentais para a constituição da família moderna”. (AZEVEDO; GUERRA, 2000, p.52).

Aqui, o pai assume o papel público do trabalho fora de casa, trazendo o sustento e a mulher o trabalho privado, da esfera doméstica, o cuidado dos filhos e a harmonia do lar, esta tida como mulher-esposa e mulher-mãe, destaque para o papel da maternidade. Reforçando a maior apropriação do poder e visibilidade social pela figura masculina, “processo que resulta em diferentes formas opressivas, submetendo as mulheres a relações de dominação, violência e violação dos seus direitos”. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p.12).

A sociedade exigia da mulher que se comportasse como um sujeito meigo e discreto desenvolvendo funções primordiais como a mulher-esposa e a mulher-mãe (OLIVEIRA, 2007). Tais configurações estavam, e até hoje permanecem resquícios, no imaginário popular. No Brasil, tornam-se importantes alguns destaques, o modelo familiar predominante

foi o modelo patriarcal, onde a família tinha suas funções definidas. O papel masculino figurava como eixo central na família e a mulher tinha como característica a procriação.

Outra característica importante para a formação da família brasileira ocorreu no século XIX, o modelo posto de família sofre significativas alterações. Nas grandes cidades a medicina social (Projeto Higienista), como assinala Costa (1989), buscava a intervenção e reeducação da família. Assim, a nova ordem familiar abrigava uma mulher-esposa-mãe e um homem responsável materialmente pela família. Representações sociais que estruturam até hoje as práticas sociais vigentes. A exemplo disso, a ideia da maternidade como algo natural da mulher, “desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe” (BADINTER, 1985, p.14). Condicionando a figura feminina à representação da maternidade.

Assim, para as análises que seguem, assinalamos o pressuposto da necessidade de superação de uma visão naturalizante desses conceitos, uma vez que ser mãe está diretamente ligado ao fato de ser mulher, porém, não por natureza, e sim como resultado de uma construção social.

### **Significados e percepções sobre a maternidade para as adolescentes**

Os valores que permeiam a mulher-mãe, agora se confundem no cenário da adolescência. Diante das construções sociais envoltas à figura da mulher-mãe, alguns estudos sinalizam a maternidade na adolescência como uma busca por mudanças no status social, uma concretização da adolescente enquanto mulher e mulher adulta, significações que resultam de sua socialização familiar e de valores historicamente construídos.

Ao longo da história, a maternidade vem se revestindo de acordo com os modelos sociais, econômicos, políticos e culturais, gerando uma necessidade de adaptação a cada padrão. “As mulheres procuram se adaptar a eles para que desta forma obtenham reconhecimento social de seu papel de mãe” (MADEIRA, 1998, p. 49).

Os achados deste estudo, que trata sobre a concepção de maternidade para as adolescentes atendidas no Hospital Geral Dr. César Cals, vão ao encontro da teoria trabalhada por Madeira (1998) em sua Dissertação de Mestrado. Onde são caracterizados e discutidos os múltiplos discursos sobre a maternidade e a conjugalidade. Esta discorre sobre as diferentes fases dos discursos de suas interlocutoras quando inquiridas sobre a maternidade.

Inicialmente encontramos nas falas das entrevistadas, deste estudo, um discurso romantizado do que seria a maternidade. Este sempre remetendo ao amor incondicional e



natural da condição de ser mulher. Estar grávida para estas adolescentes representava algo próximo a uma conquista. Vejamos as falas a seguir.

Ser mãe é maravilhoso, você ganha um presente de Deus, que é seu filho. Sua família fica mais carinhosa, meu marido está todo cuidadoso comigo. *Mais o que é ser mãe para você?* A essas coisas é da gente, toda mulher sabe. E você já se considera uma mulher, digo uma mulher adulta? Sim, antes eu era aquela menina velha, tinha nada, não era nada, agora não, é diferente já vou ter meu filho. (Cácia, 13 anos).

Era meu sonho ser mãe, minhas irmãs todas tem filho só eu que não tinha. Queria o meu, sabe, cuidar dele dá carinho, essas coisas que já é da gente, sem contar que eu vou ter minha família né, pois já estou morando lá com ele. (Thais, 15 anos).

Nas falas acima percebemos a presença da maternidade como algo inerente a mulher, cercado de realizações e sentimentos bons, referenciando o que Madeira (1998) chama de discurso inaugural. Estas, ao serem inquiridas sobre a maternidade apresentam discurso ideal de realização e incorporação do modelo identitário. Os discursos são entremeados de projeções ideais, frases prontas, clichês e desejos rotulados como inatos à condição feminina. Ficando perceptível o quanto o discurso ideal de mãe boa e santa<sup>5</sup> é disseminado e fortalecido na sociedade como algo natural.

A disseminação desse ideário está presente na constituição do ser adolescente. Os modelos familiares, a socialização familiar, a escola que só apresenta as funções sexuais e não discute as relações de gênero, o próprio desenvolver da sexualidade, muitas vezes sem apoio e orientação, além do peso cultural das mensagens que condicionam à realização da mulher a condição de mãe.

Sobre o desenvolvimento da sexualidade, torna-se importante destacar que as adolescentes indicaram nos discursos certa falta de apoio por parte da escola e dos serviços de saúde quanto a orientações sobre a sexualidade e a reprodução. Segundo elas, a escola “só fala dos órgãos genitais, e eu também não perguntava mais nada por que se não o pessoal fica fazendo hora com a gente, dizendo que está interessada demais, nessas coisas” (Paula, 15 anos). As instituições acabam negando a sexualidade da/o adolescente.

Sim, eu usava comprimido, mas não me dava, ficava sentido às coisas, passando mal, aí fui no posto pro médico passar outra coisa. Na consulta ele disse que eu tomasse injeção, mas que não ia adiantar muita coisa por que eu ia continuar me sentindo mal. **Ele só disse isso, se eu não quisesse engravidar não fizesse sexo.** Ai como eu já tinha vontade de engravidar, não fui mais atrás de nada e fiquei fazendo sem usar nada. (Denise, 16 anos, grifo nosso)

Em contrapartida ao discurso inaugural supracitado, Madeira (1998) apresenta o segundo elemento de seu estudo, o discurso da inculpação. Este é caracterizado por ela, como sendo o momento em que após breve reflexão as “mulheres passam a expressar uma sensação de culpa, denunciando insatisfação e medo ao assumirem os papéis de esposa e mãe” (p. 50). Características desse discurso foram encontradas nas falas das adolescentes,

<sup>5</sup> Madeira refere-se a este tipo ideal de mãe boa e santa como sendo aquela portadora de paciência, inteireza, generosidade, bondade eterna, inabalável e ilimitada. Essa mulher deveria encarar o modelo da Virgem Maria (1998, p. 57)

algo próximo de um arrependimento, após vivenciar as especificidades da maternidade e da conjugalidade e refletirem sobre tais situações o discurso ideal começa a identificar algumas desvantagens. Vejamos os discursos a seguir.

Da primeira vez eu queria muito, era novidade, eu não me arrependo. Mas agora se eu pudesse voltar atrás eu tinha me cuidado mais, criança prende muito a gente, é bom e tudo, tenho minha casa meu marido, mas sei lá, é difícil sabe (Olga, 16 anos - está na segunda gestação).

*Então você planejou esta gravidez?* Eu queria muito engravidar, e como não deu certo eu tomar nada, por que tudo eu passava mal, fui fazendo, sabe quando você quer e não quer, mas depois que aconteceu eu achei que não era a hora, se pudesse ter esperado mais um pouco teria sido melhor. As condições de dinheiro são complicadas [choro]. Eu não tenho como trabalhar desse jeito, e quando a neném nascer aí é que vai ficar difícil por que tenho que cuidar dela. É como minha mãe falava, depois que a gente tem filho tudo fica mais complicado. (Denise, 16 anos).

Como bem coloca Demori, et tal (2016), ser mãe constitui uma forma de se colocar no mundo como sujeito social, estas, antes meninas, passaram ao status de mulher-mãe, com seus companheiros, suas casas e suas responsabilidades. Todavia, a construção da mulher como esposa-mãe exige esforço e abdicação de tempo impedindo toda e qualquer tentativa de busca de um espaço singular, pois o papel de esposa-mãe prepondera sobre todos os outros. (MADEIRA, 1998).

Estas adolescentes se realizam enquanto mulher, por meio da maternidade, contudo, ao vivenciarem ou projetarem as particularidades que envolvem o processo da maternidade acabam identificando contradições e dificuldades em enquadrar-se no modelo construído socialmente de mulher-esposa-mãe. Madeira (1998, p.65) salienta “o quanto de culpa carregam por não terem conseguido encarnar o modelo de “boa-santa-mãe”.

Outro fator importante a ser destacado, diz respeito à fala da adolescente Olga (16 anos) quando a mesma diz que seu companheiro está trabalhando, como era antes, no espaço público, e ela está em casa a cuidar dos filhos. Fica implícito o descontento ao representar o papel de mulher-esposa e boa mãe, que tanto é valorizado na sociedade. Resultando em um sentimento de culpa como traz Madeira (1998) e impotência, pois não conseguem vencer as representações sociais postas desde o início de sua socialização. Ainda no discurso de Olga, identificamos características do modelo higienista onde o homem era responsável materialmente pela família, ocupando os espaços públicos de trabalho e a mulher responsável pelas atividades domésticas e cuidados dos filhos, restrita ao âmbito privado, fomentando relações de desigualdade entre homens e mulheres. (COSTA, 1979).

Por fim, é importante salientar que Madeira (1998) traz ainda o terceiro discurso imputado por essas mulheres, este caracterizado como o discurso da autonomização, onde a partir de um misto de contradições essa mulher consegue ascender, vislumbrar certa autonomia, frente aos modelos identitários enraizados. Contudo, este estudo, acreditamos por conta do pouco tempo em campo, não conseguiu identificar essa terceira vertente. O que não

significa sua ausência no cenário atual, apenas exige maior espaço de reflexão junto ao objeto de pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos que a gravidez na adolescência vista por muitos estudos como sendo indesejada, perpassa valores e construções sociais. A partir desse estudo, alcançamos a compreensão da gravidez na adolescência entendendo-a como uma questão complexa vinculada a construção social do que define o ser mulher e conseqüentemente a representação social da maternidade nos tempos atuais.

No cenário pesquisado a gravidez remete a passagem para a vida adulta, porém não só isso, estas consideram a maternidade como princípio fundante do torna-se mulher. Todavia é importante destacar que esse pensamento é resultado da própria socialização dessa adolescente. É necessário compreender essa lógica para que possamos trabalhar com a perspectiva da desconstrução social. Do contrário, continuaremos investindo alto no controle da gestação na adolescência e não alcançaremos resultados concretos.

Diante do exposto, consideramos necessária uma discussão com maior profundidade e criticidade por parte da escola, das políticas e serviços, direcionados às/aos adolescentes, por meio de uma didática contextualizada e acessível sobre a sexualidade, a reprodução humana, às relações de gênero. Para que assim meninas e meninos identifiquem novos parâmetros sociais, históricos e culturais para basearem seus processos de socialização.

## REFERÊNCIA

ALMEIDA, M. C. C.; et tal .Trajetória escolar e gravidez na adolescência em três capitais brasileiras. **Cadernos de Saúde Pública**, 22, 1397-1409, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000077&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000077&pid=S0103-). Acesso: 04 mai. 2019.

ÁRIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2ª ed. 2006.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Ed. Revista e ampliada. Edições 70, LDA, 2011.

BRASIL. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e Adolescente/ECA**. Brasília: Atlas, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm). Acesso: 12 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa com seres humanos**. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 07 Dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **SINASC-Sistema de Informações de Nascidos Vivos**. DataSUS. 2017. Disponível na Internet <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060702>. Acesso: 07 dez. 2018.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo. Ed. Publifolha, 88p, 2000.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CISNE, M; IAMAMOTO, M. Marxismo: uma teoria indispensável à luta feminista. **4º Colóquio Marx e Engels**, 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m3c6.PDF>. Acesso: 15 ago. 2018.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

DEMORI, C. C; et al. O SIGNIFICADO CULTURAL DA MATERNIDADE PARA MÃES ADOLESCENTES. **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, v. 5, n. 1, p. 47-56, 2016. Disponível em: <http://periodicosuniarp.com.br/ries/article/view/737>. Acesso: 18 ago. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. In: PEREIRA, Rodrigo da Cunha et all. In: **Direito de Família e Psicanálise**. Editora Imago. Rio de Janeiro, 2003.

MADEIRA, M. Z. A. **A maternidade simbólica na religião afro-brasileira: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na Umbanda em Fortaleza-Ceará**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará Fortaleza, 250 f, 2009.

\_\_\_\_\_, **MATERNIDADE E CONJUGALIDADE: Múltiplos discursos na construção de um devir mulher**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará Fortaleza, 143f, 1998.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. - São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, E. K. S.; et al. perfil das gestantes cadastradas em um centro de referência da assistência social do município de rio largo no estado de alagoas no período de 2013 a 2014. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da**

**Saúde-UNIT/AL**, v. 3, n. 2, p. 177-190, 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/2899>. Acesso: 18 ago. 2018.

OLIVEIRA, P. B. **A MULHER ATUAL E A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. 100f. 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, S. M. M.; OLIVEIRA, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista Katálysis** - v. 13, n. 1, p. 11-19, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf>. Acesso: 06 ago. 2018.